

Agressão e assédio na escola

O suicídio de crianças tem levado a pedir o fim das agressões nas escolas. Acredita-se que a criança se suicidou por ter sido agredida e que, se os agressores forem suspensos e os pais multados, tais casos irão desaparecer.

Lutemos pelo fim das agressões. Mas se queremos acabar com o suicídio de crianças, então isso é outra coisa. O suicídio não resulta necessariamente dos maus tratos físicos. Crianças e adultos foram e são maltratados aos milhões sem sentirem o impulso de acabar com a vida. E muitos a quem nunca bateram suicidam-se. O suicídio entre alunos e professores mostra é o crescimento, nas escolas, de um comportamento já bem estudado em situações diferentes, o assédio.

Existe assédio quando o grupo escolhe uma vítima e depois goza com ela diante dos colegas, ridiculariza-a e humilha-a dias a fio, meses a fio, com o fim de a isolar. A ninguém, na turma ou no recreio, é permitido jogar ou mesmo mostrar simpatia pelo assediado. A vítima pode ser qualquer criança que se evidenciou. Às vezes, o assédio é dirigido a um professor com menos autoridade.

É difícil de imaginar o que sente uma criança quando é rejeitada pelo grupo de quem depende emocionalmente. Mas não é a rejeição

que, por si só, leva ao desejo de morrer. O suicídio está associado ao colapso do amor-próprio que essa rejeição pode trazer. O desmoronamento da estima por si mesmo dá-se quando os algozes, à base de insistência e de isolamento, levam a vítima a convencer-se de que é mesmo inferior, um falhado, ou que jamais conseguirá fazer amigos.

O apoio à vítima consiste em conseguir que participe em atividades onde é valorizada, especialmente as que lhe restituam a fé na sua capacidade para ser aceite e ter amigos. E quanto aos algozes? Em vez de apelar para pais ou polícias que não podem fazer nada, por que razão não responsabilizar as próprias crianças? O comportamento à maneira de matilha tem a sua óbvia origem no anonimato que o grupo proporciona. E existem formas de desfazer matilhas, obrigando por exemplo os membros a saírem do anonimato. A figura do diretor de turma é a mais adequada à resolução atempada dos casos de assédio, seja ele com ou sem agressão. Não é preciso mandar vir especialistas. Basta que os diretores de turma tenham autoridade natural e tato, junto com sentido de observação. O treino específico, que não é difícil para um professor experiente, também ajudará. E estando prevenidas, podem as escolas



Duarte Trigueiros

Professor catedrático

O desmoronamento da estima por si mesmo dá-se quando os algozes, levam a vítima a convencer-se de que é mesmo inferior

obviar a muita infelicidade e a alguma desgraça séria. O assédio não é fenómeno novo na escola. Está a aumentar devido ao isolamento das pessoas e dos lares. O assédio proporciona à turma o mesmo "reality show" que o circo dava à população no tempo dos Romanos. A crueldade ao vivo, a destruição pública de uma personalidade, satisfazem os piores instintos. Por isso, quase tanto como a vítima, as testemunhas e participantes no assédio sofrem danos morais. Envilecem e acobardam-se. Mais uma razão para intervirmos.